

COISAS DESTE MUNDO

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
DITADO PELO ESPÍRITO
CORNÉLIO PIRES

ÍNDICE

COISAS DESTE MUNDO

COISAS DESTE MUNDO

INTERPRETAÇÃO

CORNÉLIO PIRES

O ILUSTRADOR

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA BENTO

QUADROS DA REENCARNAÇÃO

AMOR E REENCARNAÇÃO

DEVER E REENCARNAÇÃO

DEFESA E REENCARNAÇÃO

TELAS DA REENCARNAÇÃO

TRILHAS DA REENCARNAÇÃO

PROBLEMA E REENCARNAÇÃO

NOTAS DA REENCARNAÇÃO

DOENÇA E REENCARNAÇÃO

AULAS DE REENCARNAÇÃO

DELITO E REENCARNAÇÃO

REAJUSTE E REENCARNAÇÃO

CORRIGENDA E REENCARNAÇÃO

DELITO E REENCARNAÇÃO

**ABORTO E REENCARNAÇÃO
CENAS DA REENCARNAÇÃO**

DESLEIXO E REENCARNAÇÃO

RIXA E REENCARNAÇÃO

EXPIAÇÃO E REENCARNAÇÃO

PROVA E REENCARNAÇÃO

VACINAS CONTRA O MAL

REDEÇÃO E REENCARNAÇÃO

PUNIÇÃO E REENCARNAÇÃO

JUSTIÇA E REENCARNAÇÃO

COISAS DESTE MUNDO

Wallace Leal V. Rodrigues

O momento da criação

O volume que temos à mão não é, exatamente um livro. É antes, o desenho de produção, em moldes cinematográficos, de idéias de filmes versando sobre a reencarnação.

É uma tentativa pioneira, tanto no que tange e a comunicação de massas.

Sua história? . . . Curiosa, quase fantástica.

Através da psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito de Cornélio Pires nos enviava um material que, aparentemente, não passava de uma série de quadros sobre a reencarnação.

Examinando-os detidamente, uma grande surpresa se apossou de nós. Uma luz vermelha se acendeu. Havia algo ali!

Com extrema habilidade e um malabarismo surpreendente de síntese, Cornélio Pires construíra as quadras de modo que, duas das primeiras linhas, relacionavam-se à CAUSA; as duas seguintes, ao EFEITO, nos parâmetros da Lei da Reencarnação.

A elaboração, - como se pode ter uma idéia, - implica um trabalho intenso por parte do autor espiritual, que desenvolve os seus temas em 143 quadras divididas em nada menos de 24 capítulos variados, todos eles no esquema palingenésico.

A surpresa não é menor, mesmo sabendo-se que Cornélio Pires, encarnado, foi um autor de sínteses sumaríssimas. Não foi romancista, não possuía estrutura de ficcionista. Era um autor de narrativas curtas. Não obstante, dele não se pode dizer que tinha imaginação escassa. Pelo contrário! Este volume prova em seu favor.

Não foi fácil, com quatro sucintas linhas, oferecer, visualmente, os lances propostos, os flagrantes da AÇÃO, imediatamente seguidos pelos da REAÇÃO.

Mas, obviamente, era isso que o Espírito propunha.

Ele oferecia, versificada, uma espécie de sinopse do “script” e, a nós outros, cabia situar os personagens em suas paisagens, dar-lhes as roupas das épocas ou situações, levantar cenários para o lance a ser representado, e, finalmente, apropriar os diálogos que seriam trocados através do recurso já clássico dos “baloons”.

Em cada quadra, necessariamente, os intérpretes deviam ser vistos duas vezes: na AÇÃO e na REAÇÃO.

Em termos de comunicação de massa, a obra é um achado.

Em cada trova, espécie de telegrama rimado, há, levado à perfeição, o cuidado na objetividade da mensagem folkcomunicada, a tentativa de, - sem nenhum processo de deformação, - integrá-la ao pensamento e à necessidade do leitor.

Tido hoje como “o pioneiro do folclore paulista”, denominado sociólogo e até mesmo antropologista cultural, não possuía, na realidade, formação universitária.

Leva, contudo, enorme vantagem até mesmo em relação a muitos vultos do sofisticado folclore da atualidade, donos de vários idiomas e de vastas estantes especializadas.

Encarnado tinha as virtudes indispensáveis à frequência íntima com a gente do mato. Entrava nos casebres, pescava, tomava café, jogava truco, proseava, penetrando sorratamente na sociedade caipira, hoje em decadência, mas esplêndida de vitalidade naqueles dias.

Se fosse um elegante folclorista da atualidade, os caipiras o receberiam com hostilidade passiva, fechar-se-iam como sensitivas, escondendo do intruso o seu viver, seus hábitos e costumes.

Cornélio Pires igualava-se a eles. Era o Nhô Cornelo. O poeta era um notável observador, arguto, dotado de extraordinária memória verbal e visual, um pintor sem pincel. Enquanto caçava, dançava e proseava, ia anotando mentalmente tipos, mímica, canções e desafios, lendas, processos de cultura agrícola, costumes, festas, tradições, paisagens, superstições, as dores e alegrias dos João Matoso, das Nha Maricas, dos Zé Bino que emergem, das sua "Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades", na obra psicografada.

Isso prova enormemente em favor da psicografia de Francisco Cândido Xavier.

Por detrás de cada quadra, ilustra ou não, de cada "anedota palingenésica", há uma soma de proposições de primeira ordem, visando, ao mesmo tempo, - com recursos intelectuais e gráficos, - o entretenimento e a educação do espírito.

Cornélio Pires, mais uma vez, transmite coisas simples e úteis, visando o bem-estar do homem, prevenindo-o contra as adversidades, anunciando-lhe bons tempos para os empreendimentos.

Encarnado, o que lhe faltava em cultura e sobrava-lhe em capacidade de ver, desponta agora, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, propositadamente sem a erudição da Terra, - flecha de curto alcance, - em naturais advertências, inteligentes e lúcidas.

Desencarnado, o que viu e levou desta crosta, não se desfigurou. Não tem, como não teve, intenções satíricas ou mordazes; ama tão profundamente quanto amou. Compreende tanto quanto compreendeu. Mas o que se potencializou foi o seu poder de fixação da alma humana em seus tipos, sobretudo na cultura caipira, só que, no momento, sob o microscópio da reencarnação.

Já em outras situações, igualmente pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, ele enfrentou temas da sobrevivência humana. Em "O Espírito de Cornélio Pires", 1965, edição da FEB, - conforme apreciação do escritor, Dr. Elias Barbosa, - a sua . . . "tônica principal é o combate à avareza, descrevendo Cornélio, para tanto, autênticos personagens que poderiam competir com um Harpagon, de Moliere, ou um Pal Gorlot, de Balzac".

Não é um filósofo reencarnacionista, - este é um título que ele recusaria. É o folclorista da reencarnação - sem diploma.

Ainda recentemente, pelo Supremo Literário de "O Estado de São Paulo", o escritor Macedo Dantas perguntava:

"Esse Cornélio Pires não está superado? Não era um mero contador de anedotas cuja graça a morte diluiu?"

Cornélio Pires não morreu e sua graça não se diluiu.

Se por folclore entendermos o estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas nas suas lendas, crenças, canções e costumes, sendo a reencarnação convicção da maioria dos brasileiros, Cornélio Pires completa e aglutina, preenchendo uma lacuna.

Sendo assim, esta obra estabelece algo de novo no inédito em que consiste: a vinculação estreita entre o Espiritismo, o folclore e a comunicação de massa em nível popular, em um tipo de transmissão de notícias e expressão de pensamento que, hoje, com muita propriedade, podemos denominar folk comunicação, definindo-a como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Acreditamos que a obra, agora editada, graças à técnica empregada, - cenários inspirados na própria obra de Cornélio, figuras de almanaque, - possa ser compreendida por olhos que não vêem o cinema, por lábios de que jamais, talvez, chegou ao quarto ao primário, sentidos pelos insensíveis às linhas e nuances da arte dos salões e galerias.

As mensagens transmitidas por este processo comunicativo, singular, poderão produzir os mais decisivos efeitos no animo e no comportamento da massa, apática às solicitações do jornalismo e da literatura ortodoxos.

Há, ainda, uma outra preocupação: demolir os terrores que, em alguns espíritos, desfiguram o processo reencarnativo. Cornélio Pires chega mesmo, por vezes, ao primor de torná-lo engraçado o pitoresco. Brincando, desmoraliza o aspecto de castigo, que a tantos aflige, modificando-o em abençoada alavanca do progresso sem fim do ser humano.

Com relação à alimentação na roça, - nesta obra há inúmeras citações, por exemplo, quanto à mandioca e à beringela, - na obra de Cornélio Pires encarnado, a informação é tão rica e surge tão espontânea, que Antônio Cândido valeu-se do material em “Parceiros do Rio Bonito”, anotando que...

“ele descreve os recursos virtuais do homem rural sem considerar a sua classe nem as possibilidades, o cardápio compatível com o momento, a situação financeira, o lugar”.

E a lição da reencarnação estará introjetada na compreensão filosófica popular.

(Araquara, 1977)

INTERPRETAÇÃO

CORNÉLIO PIRES

Wallace Leal V. Rodrigues

Cornélio Pires nasceu na cidade de Tietê, no Estado de São Paulo, em 13 de julho de 1884.

Desencarnou em Tietê, no dia 17 de fevereiro de 1958. Viveu, portanto, 74 anos.

Em 1901, aos 17 anos, mudou-se para São Paulo, onde, após uma tentativa infrutífera de participar de um vestibular para a Faculdade de Farmácia, resolveu dedicar-se à lide jornalística, onde experimentou dificuldades próprias aos iniciantes dessa carreira.

Foi nessa época que iniciou o decisivo capítulo de sua vida que o levou ao Espiritismo. Em “Coisas do outro mundo,” editado em 1944, ele próprio narra o ocorrido em uma espécie de profissão de fé, a que denomina: “Porque me tornei espírita”:

“Não desejava cuidar de mim neste livro, mas tão constantes são as perguntas, por que me tornei espírita, que me resolvi a dar, neste capítulo, ligeira história, de minha vida.

Caipirinha tímido, vim de Tietê para a Capital em começos de 1901. Vim morar em casa de minha tia, dona Belizaria Ribeiro, viúva do grande filólogo e polemista invicto, o gramático e romancista Júlio Ribeiro. Minha tia, que já havia criado uma ninhada de sobrinhos e parentes e não parentes, vestindo e dando livros a estudantes sem recursos, sempre achou maneira de tirar da sua pobreza de dona de pensão, o necessário para os necessitados.

Era protestante aquela santa criatura, que ficou conhecidíssima de diversas gerações de bacharéis em direito, engenheiros, professores e comerciários. Logo de início pôs-me o Evangelho nas mãos e mandou-me para a escola instalada nos fundos da Igreja Presbiteriana. Ali fui aluno daqueles belos e cultos espíritos que, na matéria, se chamaram Eduardo Carlos Pereira e Benedito Ferraz de Campos; homens que pregavam a letra do Evangelho e, com seus exemplos, o espírito vivificador.

Li os Evangelhos e, mesmo não lhes alcançando o espírito, fiquei encantado com os ensinamentos de Jesus. Quando ia a Tietê, falava a todos sobre a doutrina de Jesus e despertei o interesse de minha mãe e de minhas irmãs pelos Evangelhos.

Tais benefícios recebemos desse livro que, mesmo não crendo, ao irmos para o Espaço, para lá levamos a letra e mais fácil nos será alcançarmos o seu espírito, a sua luz; creio que, no Espaço, seremos esclarecidos com grande facilidade se já levamos na bagagem os conhecimentos evangélicos.

Conhecedor dos Evangelhos, mais tarde, comecei a me entristecer. Cá, no meu íntimo, minha Razão não queria aceitar um Deus que criava filhos para depois dar preferência a uns, sacrificando a outros: um Deus que sendo Amor e Piedade, criava entes fracos para depois dá-los ao Fogo Ester. Comecei e me entristecer e grande risco corri de cair na descrença..

Comecei a encontrar contradições nos evangelhos... Jesus dissera que "Não viera alterar a Lei", mas confirmá-la, no entanto e lei mandava: – "Olho por alho, dente por dente", – e Jesus me dizia: "Perdoa aos teus inimigos", – a lei mandava que morresse a pedradas aqueles que fossem apanhados em adultério e Jesus dizia a Madalena: "Aquele que não tiver pecado atire a primeira pedra", – "Alguém te condenou?" – "Ninguém, Senhor!" – "Vai, não peques mais, pois eu também não te condeno". Contradições... contradições...

Quando os ministros me perguntavam por que não fazia minha profissão de fé, eu lhes apresentava essas objeções, eles me respondiam com sua constritora, dogmática e sofisticada Teologia e maior era a minha confusão.

É que eu estava apegado à "letra" e nem sabia que os primeiros apóstolos eram analfabetos e que as seleções do tópicos evangélicos haviam passado por traduções e retraduções, e que deles apenas devia aproveitar a "doutrina" e não as palavras.

Eu acreditava num Pai de todos nós, indiferentes, ateus, católicos romanos, maometanos, budistas e dos indígenas e dos irracionais. Eu queria um Deus que aceitasse a prece de todas, buscando a um pai, Criador de todas as coisas.

Eu queria essa religião e não encontrava e me entristecia, desorientado, fugindo, como podia, à descrença. Fora encontrar meu maior tropeço justamente nos Evangelhos!

Que coisa dolorosa!!E que a "letra" estava me matando aos poucos e logo eu seria um dos "mortos que enterram seus mortos".

Chegou, porem, o meu dia, – graças a Deus, – o mais feliz durante minha estadia na Terra!

Para chegar, porem, a esse dia passei por interessantes peripécias.

Indo a Caxambu, – era meu motorista o Sr. José Minhoto, – lá estive uns dias e seguimos para Lambari; nesta cidade o motorista, batendo a mão

na testa, disse-me: Seu Cornélio.. esqueci a bolsinha de chave de stepenei, porta e contato, na garage onde guardamos o carro era Caxambu! Liguei o motor sem perceber, com a chave sobressalente. Como vai ser agora, se estoura um pneu?

– Não há outro recurso; voltemos a Caxambu.

– Realmente voltamos e nada adiantou discutir com o dono da garage: as chaves haviam desaparecido.

"Que fazer?" Escrevi à Casa Muniz & Cia., mandando-lhe o numero do motor e pedindo as chaves para Poços de Caldas.

Que fosse o que quisesse.

Atravessando o sul de Minas, cheguei a Poços e lá não recebi as chaves. Massada! pedindo-as para São João da Boa Vista e, lá chegando, nada de chaves... Segui para Lindóia e Serra Negra.

Andando sempre muito doente, ;constantemente atordoado, comprei uma caixa de "Eparseno" e fui tomar a primeira injeção. Eu e o farmacêutico ficamos impressionados: três agulhas entortadas! Não penetravam e não quis mais saber de histórias...

Apesar de não ser supersticioso, disse logo ao boticário:

– Desisto! Aqui tem coisa...

Prosseguindo na minha' vida de judeu-errante, dias depois estava em São Carlos, para onde pedira as célebres chaves, que lá não chegaram. Nessa cidade, eu, que não visitava ninguém, senti irresistível vontade de visitar o meu amigo Lobo. Palestrávamos quando chegou um pretinho, cozinheiro, o Alfredo, e que foi muito festejado e logo me dizia o Lobo:

– Este é um médium sonâmbulo formidável.

Brinquei com meu amigo:

– Cuidado que o Juqueri está lotado... - Mas assustado vi o Alfredo entrar em convulsões e logo o Espírito, depois de nos saudar, disse:

– Aqui, o meu amigo da esquerda, – indicando-me, fez muito bem em não tomar as injeções;

aquilo é arsênico e o meu irmão tem o fígado em péssimo estado.

E receitou-me chá de uma planta medicinal e contra a dispepsia, pele de moela de frango reduzida a pó impalpável, dizendo-me que, vivendo eu em hotéis, fácil me seria conseguir moelas.

Fiquei impressionado com o caso, pois nem ao Lobo contara o caso das injeções.

Segui viagem e, depois de muitos zigzagues, chegamos a Novo Horizonte, sempre temendo um estouro de pneu... Assim que chegamos, tornei de minha maquinazinha fotográfica. Deu-me na fantasia mandar o José “bater” uma chapa. Outra surpresa: feita a revelação e tirada a cópia, aparece-me sobre a cabeça, firmando os pés traseiros em minha testa, vendo-se-lhe as serrilhas das pernas, uma barata! Medida a proporção do seu comprimento, seria do tamanho de meu rosto...

– Aqui tem coisa, seu 2é! Dizia eu desconfiado.

Dirigimo-nos à Noroeste, sempre pedindo as chaves e as chaves não vinham.

Dias depois, paramos para almoçar no Hotel do Pires, em Pirajuí.

Ao tomarmos o carro, tivemos a incrível surpresa de encontrar a bolsinha de couro, com as chaves dentro, sobre o tapete, onde o motorista teria de por os pés!!!

Aqui tem coisa, Zé! Continuava eu desconfiado.

Maior, porém, foi nossa surpresa quando, dali a cinco quilômetros, estourou o pneu!

– Graças a Deus temos a chave ! Exultou o Zé.

Viaja daqui, viaja dali, fomos a Curitiba e, de lá, a Ponta Grossa. No hotel do Bismara, contava eu o caso da fotografia quando um senhor, ao meu lado, pediu-me para vê-la. Notei que o homem, –hoje o meu bom confrade João Viana, – estava como que concentrado, com a fotografia na mão,

quando, com voz grossa e amiga, me disse:

– É uma troça inocente...

Percebendo que se tratava de um médium, pedi:

– Escreva isso nas costas da fotografia...

Tomando de um lápis, escreveu: “É uma troça inocente – Emílio”.

Seria o meu Emílio de Menezes? E, antes que perguntasse, respondeu-me: “Sim, sou quem estás pensando”.

Tendo o médium me dito que julgava que esse espírito estivesse em melhor situação, fiquei aflito e penalizado, sem, então, saber a maneira de auxiliá-lo, mas o Espírito logo me confortou dizendo-me:

Sempre o velho coração amigo... Não te preocupes comigo, pois estando mal aqui, estou um milhão de vezes melhor que vocês aí...

Regressamos a Curitiba e ali me esperava outro fato. Fui apresentado ao Hugo Marçal e subimos ao meu quarto no Braz Hotel. Logo que entramos, Hugo ficou tomado por um Espírito, de surpresa, e, empunhando um lápis, abriu meu bloco e escreveu de diante para trás, assinando.

Fui ao espelho e, ah! maravilha! Dizia o bilhete: “Amigo Cornélio, abraços e beijos: eu não te beijaria nem por um conto de réis. Emílio”.

Ora, eu nem tempo tivera para contar o caso de Ponta Grossa. Lembrei-me logo de conferir as assinaturas: perfeitamente idênticas!

Recebi também, nessa mesma ocasião, uma mensagem assinada por O. B. recomendando-me:

“Leia, estude, medite e ore”. E então, pela primeira vez, comprei livros espíritas. “No Invisível” foi a primeira escolha, mas ao ver “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, eu, que temia até tocar num livro que trouxesse na capa esse nome, abri-lhe a esmo uma página e li: “É preferível recusar 99 verdades a aceitar uma só mistificação”. Que me dizem?!!! Pois os espíritas concordam que podem ser mistificados?! E eu, que tanto combatia o Espiritismo, perdi o medo e comprei “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Médiuns”... Depois não houve mãos a medir... Li as obras de Léon Denis e de Bozzano.

Era a sede da Verdade que eu queria saciar de uma vez, mas... Tive então a felicidade de, em Uberlândia, entrar em contacto com Bezerra de Menezes que, logo de início, me aconselhou:

– Calma, meu amigo... Calma... Chegaste à Fonte da Água Viva, mas toma-a aos poucos... Cuidado, muito cuidado com o fanatismo; ele é mil vezes pior que a descrença.

Porém, lá muito dentro de mim, continuava, como um espinho doloroso, o caso das contradições dos Evangelhos; mas antes que eu interpelasse, disse-me Bezerra:

– Onde estão as contradições no Evangelhos?

Fiquei chocado pelo inesperado da pergunta e citei os casos.

– E Jesus não alterou um til da Lei de Deus!

Disse-me.

– Como assim?

E ele me respondeu com outra pergunta e todo o meu espírito se iluminou na justa compreensão:

– Qual é a “Lei de Deus”, meu amigo”:

– Os dez mandamentos...

– E Jesus alterou um só deles?

– Não...

– Então não confundas a Lei de Deus, com as leis que estão na Bíblia e que eram lei dos homens para homens, de grande atraso e profunda ignorância. Seus autores aparentes eram médiuns a ditar leis de acordo com a época, local e necessidades de cada povo.

Continuando nossa conversa, tão franca e elucidativa, disse-lhe:

– O que me apavora no Espiritismo é aquela passagem: “Pode o Espírita do Mal transformar-se em um anjo de luz para seduzir”...

– Mas, veja também a passagem que diz: “Pele fruto conhecerás- a árvore; se o fruto é bom, boa será a árvore, pois má árvore não poder produzir bom fruto”. E, para isso, foi que João, o Evangelista, recomendou: “Aprende a conhecer os espíritos que são de Deus”. Ai mesmo, na Terra, vocês, com um pouco de argúcia, não distinguem logo um mistificador de um homem de bem? Ele mistificará uma vez, mas não duas, se estiverem atentos. Quanto à prevenção contra os de cá: “oração e vigilância”. E saiba que os “curiosos e fúteis” são as vítimas escolhidas pelos enganadores.

Assim foi que, recebendo claras instruções, me tornei espírita, dos menorzinhos e dos mais ignorantes”.

Segundo Joffre Martins Veiga, em "A Vida Pitoresca de Cornélio Pires", o jornalista Amadeu Amaral, primo do folclorista, recomendou-lhe ao deixar "O Comércio de São Paulo":

Seja bom, Cornélio... Acrescentando o biógrafo: – Conselho que o grande humorista sempre seguiu.

O mesmo escritor comenta: “Ninguém amou tanto sua gente como Cornélio Pires; ninguém se preocupou tanto com seus semelhantes como esse homem que foi, antes de tudo, um bom.

Cornélio fruiu da amizade e do apreço do poeta Martins Fontes que, a respeito do mesmo, escreveu: “É um puro bandeirante, um artista incansável, enobrecedor da Pátria e enriquecedor da língua”.

Foi a conselho do jornalista Amadeu Amaral que resolveu tornar-se escritor regionalista, destacando-se, então, como um dos maiores divulgadores do folclore brasileiro.

No ano de 1910 lançou a lume “Musa Caipira”, livro que foi saudado pela crítica, por seu conteúdo tipicamente brasileiro, pois Cornélio Pires “soube mergulhar no coração de sua gente e de lá trazer, para a literatura, toda a riqueza da alma simples e boa do caboclo”.

Por volta de 1914, deixou Cornélio Pires a imprensa e passou a dar espetáculos públicos, com seus números inconfundíveis, percorrendo o interior paulista e também vários Estados brasileiros. Nessas atividades encontrou sua consagração, alcançando o ano de 1946 com o seu já famoso “Teatro Ambulante Gratuito Cornélio Pires”, percorrendo cidades e se consagrando na opinião pública. Foi, como se costuma dizer, um integrador, sempre se notabilizando pela brasilidade e pelo amor ao sertão, como seus ancestrais, vindas de velhos troncos piratininganos.

Alguns anos antes da sua desencarnação, voltou para Tietê, onde comprou, nas imediações da cidade, uma chácara na qual, em três alqueires e meio, fundou a “Granja de Jesus”, com o objetivo de agasalhar e educar menores até 18 anos, tendo desencarnado antes da conclusão da obra.

Poeta, escritor, editor, conferencista, radialista, professor de ginástica, despachante e rábula em Botucatu, deixou numerosos discos, produziu o filme sonoro “Vamos Passear”, focalizando cenas do folclore paulista, este em 1934. Fez outro filme precursor, “Brasil Pitoresco”, em 1923. Fundou a revista "O Saci", com Voltolino. Foi um pioneiro no tocante à gravação de pios de passarinhos, com dois discos; ajudou a fundar a “Associação Cristã de Moços” .

Três meses antes de desencarnar, presentindo que os dias lhe estavam contados, Cornélio Pires tomou de uma folha de papel e escreveu sua última vontade, verdadeiro testamento de um homem caridoso, que sempre se preocupou com o bem-estar do próximo:

“Em qualquer tempo em que eu deixe este corpo, – que tanto me serviu para minha estada na Terra, para me “consertar” um pouco, – desejo que

ele seja sepultado descalço e de pijama. Não por vaidade, mas para que se aproveitem, – alguns pobres, – das roupas e calçados que usei. Nisto não há caridade. Como não posso usá-los, os dou...”*

Alguns críticos julgam que, em Cornélio Pires, o folclorista, era bem melhor do que o poeta, o humorista, o contista, valorizados mais pelos elementos folclóricos do que o estético. Mas, já Silvio Romero detectava aquilo que a sua produção psicografada leva à ênfase: "...o gênero que cultiva é muito ao contrário do que geralmente se pensa: de grandes dificuldades".

É esse o homem que, anualmente, os tieteenses homenageiam, através da "Semana Cornélio Pires".

– BIBLIOGRAFIA –

"Musa Caipira", 1910; "Versos", 1912; "Versos Velhos", 1912; "Cenas e Paisagens de Minha Terra", 1912; "Monturo", 1915; "Quem Conta um Conto", 1919; "Conversas ao pé do fogo", 1921; "Cenas e paisagens da Minha Terra" (Musa Caipira), 1921; "Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo", 1925; "Tragédia Cabocla", 1926; "Patacoadas", 1926; "Seleta Caipira", 1927; "Almanaque do Saci", 1927; "Mixórdia", 1927; "Meu Samburá", 1928; "Samba e Cateretês", 1932; "Tarrafadas", 1932; "Chorando e Rindo", 1933; "De roupa Nova...", 1933; "Só rindo", 1934; "Tá no Bocó", 1935; "Quem conta um conto e Outros Contos" (Coisas do passado), 1934; "Enciclopédia de Anedotas e Curiosidades", 1945; "Coisas do Outro Mundo", 1944; "Onde estás, ó morte?", 1947; estas duas últimas obras encerram exclusivamente assuntos espíritas.

– DO ALEM TÚMULO –

Pela atividade mediúnica de Francisco Cândido Xavier e de Waldo Vieira, expressando-se nos gêneros mais difíceis – o soneto e a trova, – vem se revelando um autêntico mestre.

"Antologia dos Imortais", 1963; "Trovadores do Além", 1965; "Poetas Redivivos", 1969; "O Espírito de Cornélio Pires", 1965; "Retratos da Vida", "Conversa Firme" e "Baú de Casos", 1977.

O ILUSTRADOR

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA BENTO

Wallace Leal V. Rodrigues

José Roberto Teixeira Bento, o jovem artista que aceitou o desafio de dar a este livro e feição inovadora que tem, nasceu em Araraquara, Estado de São Paulo.

Pouco antes do médium Francisco Cândido Xavier ter oferecido este livro, devido ao Espírito de Cornélio Pires, à nossa Casa Editora, José Roberto realizara, com grande êxito, uma mostra individual de figuras de argila, todas elas inspiradas no popular.

Essa experiência com a galeria dos elementos do “folk” em seus momentos mais íntimos e, também, nos mais flagrantes, inspirou-lhe o desejo de trabalhar com o Espírito de Cornélio Pires nas quadras-episódicas em que o grande folclorista de Tietê fazia os seus personagens viverem os lances da reencarnação, da lei de causa e efeito, da ação e da reação.

Para essa integração, estudou demoradamente. Até certo ponto ia "e arriscar em uma aventura em “quadrinhos”, gênero em que nunca fizera a menor tentativa. Era preciso optar por um estilo de desenho que se aproximasse, o mais possível, dos tipos populares, da atmosfera, dos cenários que o próprio Cornélio Pires sugeria. José Roberto diz:

“Aparentemente tudo é muito simples, mas exatamente nessa simplicidade é que residem as maiores dificuldades na transposição. Além disso, o clima é tão brasileiro, que eu não me podia valer das insinuações dos “comics” de nenhum dos grandes artistas, no gênero, do estrangeiro. Antes de mais nada, era preciso distinguir com cuidado as cenas que, visualizadas pelo desenho, pudessem induzir a agressividade. Cornélio Pires procura traduzir que a reencarnação não deve ser vista como um castigo, porém como uma bênção, uma oportunidade de ressarcimento e evolução espiritual ao mesmo tempo. Então tornava-se necessário fazer a dramatização sem nenhum aspecto de tragédia. O livro é um compêndio de amor e sadia alegria, e o meu trabalho não podia fugir a esse escopo.

“Compreende-se de imediato que Cornélio Pires teatraliza todas as quadras, com exceção daquelas que têm cunho eminentemente filosófico. Não sei bem porque estas últimas, conforme o leitor Vectra, fizeram afluir mais à minha criatividade.

“A aproximação entre o cinema e os quadrinhos é inevitável, pois os dois surgiram da preocupação de representar e dar a sensação do movimento. A teatralização de Cornélio Pires indicava uma feitura em estilo de produção cinematográfica. Como todos sabem, essa “produção” consiste em desenhar, por especialistas, o ângulo e a movimentação do “take”, ou “tomada” da cena a ser rodada. As grandes realizações cinematográficas são feitas deste modo. Ora, por que não proceder assim? A palavra é linear, a visão é espacial – pode-se desenvolver em todas as direções. E é preciso, também, cultivar a visão. A nossa, é a era do espaço. Agora, de certo modo, não temos mais lei, pois quase tudo se fez possível. A “decupagem” era possível e tornaria a obra factível, inclusive prevendo o que os “bonecos” iriam dizer através dos “baloons”. Wallace Leal V. Rodrigues é um prático e um teórico em cinema.

Ele tinha a experiência de ter feito o tratamento e a direção exatamente de um filme folclórico, “Santo Antonio e a Vaca”. Ele também se deixara fascinar pelo livro do Espírito de Cornélio Pires e quanto ele poderia inaugurar na literatura espírita. Então fez o levantamento de todas as quadras, criando, inclusive, as épocas. Deu-me, entretanto, liberdade de escolha daquela” ara que eu pudesse, de acordo com meu pendor natural, extravazar os meus conceitos pessoais. Em comum tínhamos um mesmo pensamento: cada quadra ilustrada era, em si e por si, uma história em quadrinhos inteira; podiam, outrossim sugerir, como tema central, muitas e muitas histórias nesse estilo de “cartoon”.

Muito mais e melhor pode ser realizado. O desejo de ver o livro a lume, quando exatamente se comemora 50 anos de apostólica tarefa mediúnica de Francisco Cândido Xavier, nem apressou. No entanto está em nossa cogitações explorar mais, em profundidade, este filão.

“É para mim uma honra trabalhar em um livro do inigualável Chico Xavier. E colaborar para que a Lei da Reencarnação seja difundida e bem compreendida é uma oportunidade que se afigura como um verdadeiro “acréscimo da Divina Misericórdia”. Quanto ao mais, a minha esperança e ser compreendido e desejar uma triunfante trajetória para o livro, conforme vem acontecendo à obra inteira, devido à psicografia do Francisco Cândido Xavier, a quem apresentamos excusas e homenagens”.

Excelente e imaginoso copista, José Roberto Teixeira Bento vem colaborando no trabalho de Cairbar Schutel, já tendo realizado as capas para os seguintes lançamentos da “Casa Editora O CLARIM”;

Segue-me!... – de Francisco Cândido Xavier; Meu Filho Vive no Alem – de Walter Wynn; Memórias Pitorescas de Meu Pai – de Carlos de Brito Imbassahy; Remotos Cânticos de Belém – de Wallace Leal V. Rodrigues; Parábolas e Ensinos de Jesus – de Cairbar Schutel.

Araraquara, 1977.

QUADROS DA REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Marina expulsou a sogra
Por causa de uma tigela;
A pobre morreu na chuva
Mas agora é filha dela.

Suicidaram-se por Jonas
Dila e Duca de morais...
Renasceram filhas dele,
Meninas excepcionais.

Por que Joaquim tanto apóia
A filha que não o releva?!...
Ela é a mulher que ele mesmo
Um dia, atirou na treva...

Furtava ouro e diamantes
O ouvires Joaquim cazuza...
Renascido, hoje trabalha
Em forno de ferro guza.

Leonor enganou Fimfim,
Que morreu de raiva e dor,
Mas Fimfim tornou a terra...
Hoje é filho de Leonor.

AMOR E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

No esporte, o conde arrasava
Com qualquer antagonista...
Morreu e voltou a terra...
É um médico ortopedista.

Numa contenta de afeto,
João se matou por Cirila...
Reencarnado, é o filho enfermo,
Que não a deixa tranqüila.

Dois problemas!...Dois suicídios,
O de Lana e Juvenal...
Voltaram... Ela, idiota,
Ele doente mental.

Que ódio entre filho e mãe!...
Que havia entre Juca e Sara?
Ela fora, noutro tempo,
A esposa que o renegara.

Com sentimentos alheios,
Não brinques, mesmo de leve...
Tanto no amor quanto em tudo,
Cada qual paga o que deve.

Tatão perseguiu Quinquim
Até matá-lo a facão;
Mas Quinquim hoje renasceu
Como filho de Tatão.

Rita matou o velho tio
Com pancada no monjolo,
Hoje ele é o neto que Rita
Acaricia no colo.

Para livrar-se da gula,
Pedi Juquinha garrido
Vida nova em corpo novo
De estômago enfraquecido.

Observa o que semeias,
Se o amor ou luz, ódio ou paz.
Tudo que damos na vida
A vida pega e nos traz.

DEVER E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

João vai nascer... Mas nas culpas
Que lhe amargam na lembrança,
Roga um problema nervoso
Que lhe guarde a temperança.

Prejudicou tanta gente
O construtor João Teixeira...
Vive agora noutra corpo
Servindo numa pedreira.

Liberando-se da intriga,
Temendo queda outra vez,
Téo espera regressar
Na provação da surdez.

Quem despreza a lei do bem
Não foge ao próprio dever,
Torna apenas mais difícil
O que se tem a fazer.

Renasceu Téó que vivia
De tomar a terra alheia...
Tem agora o ganha pão,
Suando a pá de areia.

Leonel vendendo tecidos,
Morreu de tanta ambição...
Encontrei-o reencarnado
Na lavoura de algodão.

DEFESA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Tintina fez tantas lutas,
Tantos delitos no lar...
Agora quer novo corpo
Que não possa procriar.

Xandoca morreu de ódio
De Maricota do esteio.
Hoje xandoca é a filhinha
Que ela amamenta ao seio

Empeços, enfermidades,
Obstáculos, no fundo,
São recursos de defesa
Que nos amparam no mundo.

Eis a história de Tintina:
Aborto e criança morta.
Hoje ela quer renascer,
Toda gente fecha a porta.

Faleceu Nico, no prato,
Comia até a loucura...
Noutro corpo sofre agora
Azia que não tem cura.

Tonico viveu na farra,
Bebendo pinga aos canecos,
Hoje é homem renascido
De fígado em pandarecos.

Tião pisou Josefina,
Faleceu zombando dela...
Hoje, é um menino enjeitado
Que Josefina tutela.

TELAS DA REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Que razões do amor em Nira,
Se o filho nem a procura?
Ele é o homem passado
Que ela induziu à loucura.

Cansado de muitos erros,
Na cultura com vanglória,
Simão quer nova existência
Com defeito na memória.

Na grande escola da vida,
Erro nenhum passa em vão;
Deus tem por mestra e vigia
A lei da reencarnação.

Nhô tico matou o genro,
Achou que se fosse embora,
Mas o genro nasceu dele
É o caçula que ele adora.

Tonho morreu na garrafa,
Não trabalhava, dormia...
Morreu e nasceu de novo
Sofrendo paralisia.

TRILHAS DA REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Morreu Tónico de Souza,
Vivia a caluniar..
Reencarnado, grita, grita,
Mas não consegue falar.

Por causa de terra e nota,
Líliu matou João Braúna,
Mas João nasceu de Líliu
Para herdar toda a fortuna.

Aceita com paciência
Crise, golpe, provação..
O sofrimento é remédio,
Bendita a reencarnação.

Foi-se Joana em cocaína,
Só procurava esquecer.
Agora nasceu doente
Para acordar no dever.

Morreu Tónico Sampaio,
Só de calúnia vivia..
Hoje tem lábio rachado,
Esmolando cirurgia.

PROBLEMA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Finou-se Joana Pacheco.
Viveu tão só de pesar...
Renasceu e vive em luta,
Sem tempo de se queixar.

Recordo Aninha Pachola...
Morreu ricaça e sovina.
Hoje, achei-a reencarnada
Mendigando numa esquina.

Antônio temendo excessos
Com que já foi a loucura,
Implora um corpo doente
Sempre ativo, mas sem cura.

Júlio inventando calúnias,
Deixou muita gente pasma...
Mora hoje noutra corpo,
Sofrendo acessos de asma...

Braz morreu... fez muitos crimes,
Usando intriga e boato...
Renascido, é um surdo-mudo,
Numa cabana do mato.

NOTAS DA REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Finou-se Juca Pacheco,
Sovina como ninguém...
Renascido, luta e sofre
Mas não ajunta vintém.

Lili deu filhos à fossa,
Cultivava este costume.
Hoje, nasceu enjeitada
Num curral cheio de estrume.

Morreu neto o matador;
Cobrava caro os balaços
Pedi novo berço à Terra
E traz um corpo sem braços.

Dodélia acabou com os pais
Para luxar a capricho
Revive agora na Terra
Virando lata de lixo.

Agradece o sofrimento,
Alma cansada e ferida.
A dor da reencarnação
É benção de Deus na vida.

DOENÇA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Quantos delitos de amor!
Finou-se a bela Iracema.
Ela agora quer voltar
Na provação do eczema.

Dançando genial criou
Muita dor, muito revés...
Em breve reencarnará
Com reumatismo nos pés

Nino ao piano, fez crimes
Por músicas e votos vãos...
Mas hoje roga outro corpo
Com atrofia nas mãos.

Joaquim, orador de prol,
Punha lama e fogo em tudo.
Retornará para a terra.
Hoje porém quer ser mudo.

Enfermidade na vida
Pos mais triste, mais atroz,
Muita vez, é só recurso
Para guardar-nos de nós.

AULAS DE REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Morreu Lino que furtava
Nos gêneros que vendia;
Agora tornou à Terra,
Sofrendo com padaria.

Por ódio trocado, Antônia
Matou Lino do lagarto...
Hoje, elas são mãe e filha
Doentes no mesmo quarto

Astolfo escreveu maus livros
Endoidando a multidão,
Do além, retornou ao mundo
Nas teias da obsessão.

Lino viveu de caça
E só de caça se foi...
Encontrei-o renascido,
Curtindo couro de boi.

Deus nos dá, vida por vida,
Um curso de cada vez.
Presente é sempre o retrato
Daquilo que já se fez.

DELITO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Maricota suicidou-se
Por causa de Anísio Prado,
Mas hoje é filhinha dele
De cérebro retardado

Pos Zina matou-se João...
Um carro fê-lo aos pedaços...
Hoje ele é o filho doente
Que Zina beija nos braços.

Manoel seduziu Percília,
Deixando-a em tombos loucos...
Ela morreu e voltou
É a filha que o mata aos poucos.

Por Téo, Naná largou Juca
Que se matou pela ingrata,
E Juca voltou à ela,
É o filho que a desacata.

Joaquim arrasou Simão
Para tomar-lhe Ana Vera
Mas Simão tornou a ele
É o filho que o não tolera.

Tesouro maior da vida
É a mente tranqüila e sã.
Erro que a gente faz hoje
A vida acerta amanhã.

REAJUSTE E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Morreu Gil... Feriu a muitos
Para ter mansão no morro.
Renasceu servindo nela
Para tratar do cachorro.

João odiava Gilberto,
Gilberto odiava João,
Morreram e renasceram,
Dois gêmeos em provação.

Finou-se Juca veludo;
Só viu mal a vida inteira...
Agora pediu aos céus
Reencarnação na cegueira.

Morreu avarenta e inútil
A ricaça Rosabela;
Voltou a Terra empregada
No antigo palácio dela.

Caso esquisito!... Um guerreiro
Da Antigüidade esquecida
É hoje um cirurgião
Que ampara e reforma a vida

A ninguém batas nem firas,
Que o tempo vai como vem...
E, usando suposto mal,
A vida refaz o bem.

CORRIGENDA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Morreu o agrônomo Prates.
Trocou profissão por nota.
Agora, em outra existência.
Zela animais na grotá.

José, retendo dinheiro,
Largou o filho a matroca...
Morreu e voltou... Mas hoje,
Só ganha em vender pipoca.

Foi-se João, sábio isolado,
A quem ninguém teve acesso.
Hoje, nasceu entre índios
Para ajudar o progresso.

Morreu Léo Cintra, o escritor.
Era uma pena cruel.
Noutro corpo é servidor
Em fábrica de papel.

O médico João Limundo
Largou diploma e dever.
Renascido, tem doença
Que ninguém sabe entender.

Abençoa o sofrimento
A que a Terra te destina...
A dor da reencarnação
É benção da luz divina.

DELITO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Marina fez três abortos
Dizendo temer feiúra...
Morreu e voltou à Terra
Encadeada à loucura.

Nini prometeu ser mãe
De desafetos passados...
Recusou, mas vive agora,
Num pouso de alienados.

Libório, por sovinice,
Enterrou prata no chão...
Hoje luta noutra vida
Caçando tesouro em vão.

Ninita arruinou a casa,
Morreu nova, ingrata e bela.
Hoje é menina enfeitada
Na família que era dela.

Trabalho, dificuldade?
Não te lastimes em vão,
O céu nos dissolve os erros
Na luz da reencarnação.

ABORTO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Foi-se Gina a professora...
Tinha nojo de ensinar;
Mas renasceu... É porteira
De humilde grupo escolar

Anésia pôs fogo à choça
Assassinando o marido.
Morreu e nasceu de novo
De corpo todo ferido.

Matou-se Quirino Sanches
Por pequenino pesar...
Voltou morrendo ao nascer
Para aprender a lutar.

Gina extraía crianças,
Matando-as nágua fervente...
Renasceu de pele em fogo,
Chorando constantemente.

Lindolfo atado a ciúme
Suicidou-se por Joanhina,
Mas voltou de corpo inerte,
Quer andar, mas não caminha.

Quanto aborto acumulado
Da parteira dona Eva!...
Hoje, morta, ela vagueia
Ouvindo choro na treva.

Cicína usou de serpente
E liquidou com José,
Agora, morreu menina
De um simples bicho de pé.

CENAS DA REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

O engenheiro Juca pontes
Quis só formatura e nada...
Morreu e voltou à Terra,
Nascendo numa calçada.

Dino escultor primoroso,
Nada fez do que sabia...
Hoje, só mede tijolo,
Num recanto da olaria.

Cocota matou o sogro
Com veneno em berinjela,
Mas o sogro renasceu...
É filho nos braços dela.

Antonio abusou da dança
E atormentou muitos lares,
Presentemente nasceu
Sofrendo dos calcanhares.

Paulinho matou Marcelo
E suicidou-se por Lia...
Renasceu... É filho dela
Que sofre esquizofrenia.

O delito não compensa,
As culpas persistirão
Até que a vida as apague
Na lei da reencarnação.

Morreu Diva... Quatro abortos!...
À preguiça andava entregue,
Renasceu e quer ter filhos,
Sonha, sofre e não consegue.

Titinha fez quatro abortos
Sem propósito e sem causa
E os filhos que não nasceram
Hoje a perseguem sem pausa.

DESLEIXO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Aborto nas leis da vida
É dívida que se arrasa...
Feliz de quem paga contas
Por dentro da própria casa.

Revi Armênio o escritor...
Vivia na camoeca,
Reencarnado é zelador
De antiga biblioteca.

Finou-se Nélia, a enfermeira,
Que só agia no mal...
Reencontrei-a trabalhando
Em limpeza de hospital.

Lembro Zico, advogado...
Só brigava e confundia...
Morreu e voltou à Terra,
Sofrendo hidrocefalia.

Renasceu Juca... vivia
De tomar a terra alheia.
Agora ganha somente
Suando na pá de areia.

A impotente dona Joana,
Finada em paixão e treva,
Pedi corpo e vida humilde
No mato da Genoveva.

Obrigação para hoje,
Seja atendida de vez,
Que vida espera amanhã
Aquilo que não se fez.

RIXA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Sertório abusou de Joana
E assassinou-a tranqüilo...
Ela hoje é filha dele
Com ganas de destruí-lo.

Quem fez os pires em guerra?
Foi Nhô Bem de Monsaraz
Que vai renascer dos Pires,
A fim de fazer a paz.

Mutilações sobre a Terra
Certas angústias marcadas...
São refúgios contra os erros
De nossas vidas passadas.

Pessoas que noutro tempo
Plantavam difamação,
Formam agora famílias
No enredo da obsessão.

Totônio fez quatro mortes
Na mata do Moacir...
Quer renascer, mas sem braços,
Com medo de reincidir.

Por voz linda, quantos crimes
Em Maricota Cerqueira!
Hoje quer nova existência
Em que viva na cegueira.

Recebe a dificuldade
Com fé serena e inteiriça,
Sofrimento em qualquer parte,
É socorro da justiça.

Rixas não servem nem mesmo
Nas pessoas mais tranqüilas...
Quem as provoca responde
Pelo dever de extingui-las.

EXPIAÇÃO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Pedimos o dom da dor
Que ninguém acolhe em vão
Por guia da própria vida,
No rumo da perfeição.

Dois grupos que assassinavam
Com fogo em carros na estrada,
Faleceram noutra corpo
Numa loja incendiada.

Desastres, calamidades,
Dos quais a lei não se priva,
Constituem pagamento
Em provação coletiva.

Por Zena, João matou Nico
E desposou-a depois...
Mas Nico voltou a eles
É o caçula deles dois.

Inimigo do passado
Perseguia Gabriela.
No ajuste das próprias contas
Ele agora é filho dela.

PROVA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Quis ser pai de obsessores
Que o feriam sem cessar...
Teve Antonio o que pedia:
Um sanatório no lar.

A dívida, como seja,
Mesmo de longo passado,
Enquanto não resolvida
Mora sempre ao nosso lado.

As multidões que estimulam
Assalto e crime na Terra
Costumam desencarnar
Em ocorrências de guerra.

Pessoas que envenenam
De alma sarcástica e fria
Pediram morte conjunta
Num surto de epidemia.

Corsários de antigas eras
Rogaram ao reencarnar
Para morrerem unidos
Em acidente no mar.

Por orgulho fez Sinhana
Muitos caminhos errados...
No além, pede novo corpo
Com nervos destrambelhados.

Para guardar-se de faltas
Praticadas na injustiça,
Roga Armênio vida nova
Que lhe dê mente enfermiça.

Tião tratava a mãezinha
A chute e bofetadas...
Hoje anseia renascer
Num corpo de mãos mirradas.

VACINAS CONTRA O MAL

Cornélio Pires

Não creias que Deus te honra
Com teus créditos e dons
Para que entendas e sirvas
Somente aos justos e bons.

Honrar as obrigações
Mesmo em luta, anos inteiros,
Sem deixar as próprias cargas
Nos ombros dos companheiros.

Evitar em qualquer tempo
Este desastre comum:
Contentar-se em criticar
Sem prestar auxílio algum.

De gênio perdido em furto,
O irmão Quelidônio Alpaca
Do além quer voltar à Terra
Sofrendo cabeça fraca.

Legenda aos servos do bem
Aos de agora e aos que virão:
Nunca se faça a mistura
De esclerose e tradição.

Não faças aos semelhantes
Seja o que for, onde estejas,
Que em se tratando de Ti,
Não aprovas, nem desejas.

REDENÇÃO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Em seis vidas, suicidou-se
O amigo Arsênio faria...
Ele agora quer nascer
Na prova da idiotia.

Escultor vivia inerte,
Cultivando falcatrua...
Vive hoje noutra forma
Trabalhando pisos da rua.

Escrevia apedrejando...
Assim morreu Hércio Lins.
Encontrei-o noutro corpo
Trazendo pedras nos rins.

Dois enganos no caminho
De conseqüências fatais:
Ser surdo às dores alheias,
Enclausurar-se demais.

Por bela fez muitos crimes
Amélia da conceição,
Hoje roga corpo enfermo
Em que se arraste no chão.

Impera em todo o universo
Este princípio comum
A justiça é lei da vida
Por dentro de cada um.

PUNIÇÃO E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Se são filha e mãe porque
Tantas rixas as consomem?
Noutra vida se arrasaram
Disputando o mesmo homem.

Nhô Nilo para beber
Não via meios sem fins...
Morreu e nasceu de novo
Com sofrimento nos rins.

Manoel liquidou Joaquina...
Por ela foi perdoado
Mas hoje, a fim de punir-se
Quer renascer mutilado.

Téo matou-se por ciúme
De Maria do Sossego...
Mas voltou... É filho dela
Aprendendo desapego.

Liberdade faz o gesto,
Conseqüência vem após.
O perdão nasce da vida,
A punição vem de nós

JUSTIÇA E REENCARNAÇÃO

Cornélio Pires

Morreu Leonel que furtava
De toda sorte a viúva...
Encontrei-o reencarnado:
Mendigo atirado à chuva.

Finou-se atolado em pinga
O rigaço Vidigal.
Renasceu... Hoje é doente
Zelando um canavial.

Largando-se de uma torre,
Suicidou-se Amaro Lomba...
Noutro corpo, vive inerte
Com problemas na coluna.

Três homens foram ao crime
Por causa de Florisbela...
Noutra vida, todos três
São agora filhos dela.

Há na justiça dos céus
Esta nota que é sublime:
-“Receba cada culpado
A luta em que se redima”.